

Gilka Machado



"Sonhei em ser útil à humanidade. Não consegui, mas fiz versos. Estou convicta de que a poesia é tão indispensável à existência como a água, o ar, a luz, a crença, o pão e o amor". Essas palavras ecoaram pelo Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX. Foram proferidas pela poetisa Gilka Machado, no crepúsculo de sua vida, toda dedicada à poesia. Patrona da cadeira nº 22 da AFCLAS.

Gilka da Costa de Mello Machado nasceu no Rio de Janeiro (RJ) no dia 12 de março de 1893. Casou-se com o poeta Rodolfo de Melo Machado em 1910. Teve dois filhos: Helio e Eros. O marido, Rodolfo, faleceu em 1923. Viúva aos 30 anos, lutou, arduamente, para sobreviver e educar os filhos, sem atender às soluções que repugnavam o seu pudor. Em 1965, ano do cinquentenário de sua estréia, inseriu na antologia "Velha Poesia", grande número de inéditos que falavam de seus desenganos e na proximidade da morte.

Seu interesse pela poesia começou na infância, mas sempre precisou conciliar a vida difícil com a atividade literária. Já casada e com filhos, trabalhou como diarista na Estrada de Ferro Central do Brasil, recebendo um magro salário. Estreou nas letras vencendo um concurso literário do jornal A Imprensa, dirigido por José do Patrocínio Filho. Na ocasião, houve manifestação negativa, qualificando seu trabalho como "próprio de uma matrona imoral". Os críticos mais novos, porém, reconheceram a importância da sua proposta, que pretendia a libertação dos sentidos e dos instintos. A obra de Gilka Machado pertence à escola poética do Simbolismo, e dela adota as imagens mais recorrentes. Contudo, Gilka caminhou para a ruptura com seus contemporâneos, não só pela ênfase na temática do erotismo, mas também pela referência a aspectos sociais que oprimem a mulher. Utilizou-se, quase sempre, de um conjunto de elementos simbólicos com os quais introduz a sua mensagem: a flor, os gatos, a noite, o vento. Seu objetivo é discutir o desejo feminino; executa o seu propósito empregando recursos de linguagem que invocam sensações.

Além de talentosa poetisa, Gilka também era uma mulher do seu tempo, que participou dos movimentos em defesa dos direitos das mulheres. Fez parte do grupo da professora Leolinda Daltro que fundou em dezembro de 1910 o Partido Republicano Feminino, do qual foi segunda-secretária.

Seu primeiro livro de poesia, "Cristais Partidos", foi publicado em 1915. Em 1916 foi publicada sua conferência "A Revelação dos Perfumes", no Rio de Janeiro. Em 1917 publicou "Estados de Alma" e, em seguida, no ano de 1918, "Poesias, 1915/1917", "Mulher Nua", em 1922, "O Grande Amor", "Meu Glorioso Pecado", em 1928, e "Carne e Alma", em 1931. Em 1932, foi publicada em Cochabamba, Bolívia, a antologia "Sonetos y Poemas de Gilka Machado", com prefácio Antonio Capdeville. No ano seguinte, a escritora foi eleita "a maior poetisa do Brasil", por concurso da revista "O Malho", do Rio de Janeiro. "Sublimação" foi publicada em 1938, "Meu Rosto" em 1947, "Velha Poesia" em 1968 e em 1978 a partir de uma seleção pessoal dos livros: Cristais Partidos, Estados de Alma, Mulher Nua, Meu Gloriosos Pecado e Velha Poesia, publicou Gilka Machado – Poesias Completas.

Recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1979. Faleceu no Rio de Janeiro, a 17 de dezembro de 1980.

"A forma ousada dos seus versos, de um ritmo livre e bastante pessoal, harmoniza-se com a liberdade de inspiração, onde predomina um forte sensualismo, tão forte que Humberto de Campos notava-lhe nos poemas verdadeiras 'tempestades de carne'... Seus livros provocavam, simultaneamente, admiração e escândalo, já que a poetisa confessava sentir pêlos no vento', desejava penetrar o amado 'pelo olfato, assim como as espiras/invisíveis do aroma...' e declarava, sem reboços: 'Eu sinto que nasci para o pecado'."

Góes, Fernando [1960]. Gilka da Costa Melo Machado. In: _____. Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo. v.5, p.165.

"(...) Gilka Machado foi a maior figura feminina de nosso Simbolismo, em cuja ortodoxia se encaixa com seus dois livros capitais, Cristais Partidos e Estados de Alma. Nem sua ousadia

tinha impureza, mas punha à mostra a riqueza de seus sentidos, especialmente de um pouco explorado em poesia, o tato. Sua sensibilidade é requintada, algo excêntrica, mas profundamente feminina."

Ramos, Péricles Eugênio da Silva [1965]. Gilka Machado. In: _____. Poesia simbolista: antologia. p.209.

"Se é intensa a experiência de Gilka Machado, como poetisa e mulher reivindicadora, há outras barreiras a vencer entre a militância poética e a militância doméstica. Havia uma distância, na sua época, entre o campo da sacralidade da arte e certos aspectos da vida rotineira, que o simbolismo intensifica, o modernismo desenvolve e autoras mais contemporâneas, como Adélia Prado, consomem. Gilka Machado, a viúva do poeta Rodolfo Machado, a mulher dona de pensão que cozinhou para tantos poetas de sua época, como Tasso da Silveira e Andrade Muricy, por exemplo, enquanto fazia poesia, esta ainda habita os porões do cenário poético. Já fizera emergir dos porões, no entanto, um dos 'monstros' proibidos: o modo de representação da ansiedade erótica que delineia um projeto novo ou um novo jeito de querer ser mais mulher; e que justifica, penso eu, o considerar a poesia de Gilka Machado como precursora na luta pelos direitos de acesso à representação do prazer erótico na poesia feminina brasileira."

Gotlib, Nádia Battella [1982]. Com dona Gilka Machado, Eros pede a palavra: poesia erótica feminina brasileira nos inícios do século XX. Polímica: Revista de Crítica e Criação. p.46-47.

"Voz feminina de alta categoria poética, Gilka Machado está entre as mulheres que, durante o tempo em que construíram suas obras, não tiveram o justo reconhecimento de seu valor. Felizmente, o fato de ter alcançado a idade de 87 anos, permitiu-lhe conhecer em vida a consagração dos meios oficiais. De família de poetas, músicos e artistas, Gilka Machado revelou muito cedo sua atração pela poesia. Estréia em livro, com Cristais partidos, poesia que expressa o sincretismo finissecular (fusão de parnasianismo, decadentismo e esteticismo d'annunziano), e a ousada temática do desejo erótico ou de desafio ao "interdito ao sexo", mas sempre em conflito com uma funda ânsia de pureza. É em Gilka Machado que se expressa com mais evidência o conflito entre o "pecado" e o desejo de "pureza", -impulsos que a tradição estigmatizara como contraditórios e excludentes." Nelly Novaes Coelho (Professora universitária, pesquisadora e crítica literária – USP)

Olhos

"Ante pálpebras, que são níveos tabernáculos
sitos no rosto seu, vai ó Musa, depor
mil oblações, com fé, sem prever os obstáculos,
a esses olhos, que são dois altares imáculos,
onde a Esperança acende um círio ao nosso Amor. "

Canção do Fim

Vejo com mágoa
de despedida
tudo quanto atraia
meu olhar
Por que te amamos
muito mais,
ó Vida,
quando sentimos
que nos vai deixar?

Sempre versátil,
sempre fingida,
custa um sorriso teu
quanto pesar!
E, mesmo assim,
como te amamos,
Vida,
quando sentimos
que nos vai deixar!

Se de alegrias
tu me foste avara,
quero te confessar
humilhada, baixinho:
levo saudade,
não de teu carinho,mas de teu mau trato
a que me acostumara

Lépida e leve

Lépida e leve
em teu labor que, de expressões à míngua,
o verso não descreve...
Lépida e leve,
guardas, ó língua, em teu labor,
gostos de afago e afagos de sabor.

És tão mansa e macia,
que teu nome a ti mesma acaricia,
que teu nome por ti roça, flexuosamente,
como rítmica serpente,
e se faz menos rudo,
o vocábulo, ao teu contacto de veludo.

Dominadora do desejo humano,
estatuária da palavra,
ódio, paixão, mentira, desengano,
por ti que incêndio no Universo lavra!...

és o réptil que voa,
o divino pecado
que as asas musicais, às vezes, solta, à toa.
e que a Terra povoa e despovoa,
quando é de seu agrado.

Sol dos ouvidos, sabiá do tato,
ó língua-idéia, ó língua-sensação,
em que olvido insensato,
em que tolo recato,
te não deixado o louvor, a exaltação!

– Tu que irradiar pudeste os mais formosos poemas!
– Tu que orquestrar soubeste as carícias supremas!
Dás corpo ao beijo, dás antera à boca, és um tateio de
alucinação, és o elatério da alma... Ó minha louca
língua, do meu Amor penetra a boca,
passa-lhe em todo senso tua mão,
enche-o de mim, deixa-me oca...
– Tenho certeza, minha louca,
de lhe dar a morder em ti meu coração!...

Língua do meu Amor velosa e doce,
que me convences de que sou frase,
que me contornas, que me vestes quase,
como se o corpo meu de ti vindo me fosse.
Língua que me cativas, que me enleias
ou surtos de ave estranha,
em linhas longas de invisíveis teias,
de que és, há tanto, habilidosa aranha...

Língua-lâmina, língua-labareda,
língua-língua, coleando, em deslizos de seda...
Força inferia e divina
faz com que o bem e o mal resumas,
língua-cáustica, língua-cocaína,
língua de mel, língua de plumas?...

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,
amo-te como todas as mulheres
te amam, ó língua-lama, ó língua-resplendor,
pela carne de som que à idéia emprestas
e pelas frases mudas que proferes
nos silêncios de Amor!...

Alegria de Amar

Alegria de amar
- anseio de apertar
nos meus braços o mar,
de desfolhar
as rosas com meus beijos!...

Alegria de amar
- desejo de, num grito,
ascender,
ascender,
para o azul do infinito
e espreguiçar-me

pelas curvas de éter!...

Alegria de amar
- vontade de escrever
nos longes do ar,
para que de onde estás
pudesses lê-las,
estas estrofes,
mas com o fogo das estrelas!

Alegria de amar,
- inquietação
que tento em vão
refrear,
volúpia
que em meus membros
tumultua,
de sair pela rua
em desatino,
como se houvesse marcado
um encontro com o Destino!...

Alegria de amar
- necessidade de desabafar
recalcada tristeza,
de te sonhar disperso
na beleza,
de te afagar
em toda a natureza,
como se, por milagre,
me chegasses!
Alegria de amar
que me transborda
em lágrimas nas faces

Alegria de amar
na manhã transparente,
na tarde azul,
na noite cheia de fulgor;
alegria de amar
indefinidamente,
à criação,
às criaturas,
ao Criador!...

Alegria de amar
que me alvoroça a mente
e o sangue me acelera,
que me faz caminhar
alucinadamente,
com todo o corpo
de saudade doente,
na esperança infantil
de saber que
alguém me espera!...

A vez primeira em que fitei Tereza

A vez primeira
em que te vi comigo,
de olhos voltados para
os olhos meus,
ante o impossível
de seguir-te, amigo,
tive desejos
de dizer-te adeus

Passaram meses...
Nosso amor crescia
(e assim o houvesse
conservado Deus!)
Naquela sereníssima agonia
trocando olhares
e dizendo adeus!

Tentei fugir,
mas fui por ti vencida,
e, um dia,
presa entre os braços teus,
tive a impressão
da extrema despedida...
Primeiro beijo - derradeiro adeus!...

Veio-te a saciedade
do desejo;
teceu o fado
os labirintos seus...
Tão perto ainda
e já quão longe vejo
o teu amor
a me dizer adeus!

Passou depressa...
Como que se evade
teu lindo vulto,
entre os soluços meus...
Vieste para deixar
esta saudade
a me acenar,
num imortal adeus!...

Meu Glorioso Pecado (da série de alguns)

Se te injuriei, por uma rebeldia
dos meus nervos exaustos de pesar,
pensa com que perversa hipocrisia
tu me agastaste para me magoar!

Pensa que, só por teu sabor de um dia
- glória de uma conquista singular -
minha vida perdeu toda a alegria,
é uma morte que vivo devagar!

Sempre a revolta vem de uma agonia:
a injúria ser um beijo poderia,
teu beijo envenenou-me o paladar

Medita alma volúvel, alma fria:
- Quanta vez uma ofensa acarícia!
- Como um carinho sabe nos matar!

Meu Glorioso Pecado II

Quantas horas felizes, quantos dias
nos contemplamos sem jamais trocar
uma frase! - Eu temia... Tu temias...
Mas como era expressivo nosso olhar!...

Nem uma frase! E tantas melodias
no meu, no teu silêncio, no do mar,
no do céu, no das árvores sombrias,
como tudo se amava sem falar!

Trocamos o vocábulo e (oh! tristeza!)
Quantas injúrias, que contradição
nessas palestras de alma
em ciúme acesa!

Ah! se mudos ficáramos então,
não profanara o orgulho
e a singeleza
das palavras sem voz
do coração!

Meu Glorioso Pecado III

A que buscas em mim,
que vive em meio de nós,
e nos unindo nos separa,
não sei bem aonde vai,
de onde veio,
trago-a no sangue
assim como uma tara

Dou-te a carne que sou...
Mas teu anseio
fôra possuí-la -
a espiritual, a rara,
essa que tem o olhar
ao mundo alheio,
essa que tão somente
astros encara

Por que não sou
como as demais mulheres?
Sinto que, me possuindo,
em mim preferes
aquela que é
o meu íntimo avantesma...

E, o meu amor,

que ciúme dessa estranha,
dessa rival
que os dias
me acompanha,
para ruína gloriosa
de mim mesma!

Viagem ao Sétimo Céu

Viagem de nossas almas,
galgando alturas,
vencendo longes,
na noite quente
que milhões de luzes
abrasavam ainda mais

Por entre céus,
subíamos
ao Silvestre;
a cidade,
lá em baixo,
era um céu infernal
e o céu dilatava os olhos
enamoradamente
para as estrelas
que bailavam no abismo

Que silêncios
e que ermos,
e que distâncias
incomensuráveis
entre nossos destinos!
Nossas almas viajavam
e as mãos afrodisíacas do vento
afagavam as ervas do caminho
e misturavam nossos cabelos

De súbito,
houve um pasmo de esplendor,
uma ebbriez de beleza...
E nossas almas se chocaram
vertiginosamente,
num beijo sem lábios...

- Chegaremos um ao outro

A cidade estendia
um tapete de sóis
aos nossos pés;
e nos olhares das estrelas
havia vontades longas
de escorregar para a terra;
e em toda a espiritualidade
do infinito
vislumbrei o desejo humano
de se precipitar
sobre o céu novo da cidade
infernalmente iluminada

E em meus membros senti
uma súbita fuga,
um desagregamento
de mim mesma,
uma ânsia de adormecer
nos seus braços
esta velha fadiga de ser alma

Derradeiro Apelo

Estas serão as minhas últimas palavras
aos teus sentidos,
serão o meu apelo derradeiro
Tanto te disse, tanto te escrevi!
Como encontrar agora período preciso,
a perfeita expressão,
para te revelar este silêncio estranho
que me começa a ungir
o exausto coração?!

Vieste-me na hora dadivosa,
na hora imortal
da frutificação:
dei-te toda a doçura dos meus pomos
e voltaste-me as costas
com prazer...
Mas eu bendigo essa tua fome
que saboreou os frutos
que haviam de mais tarde
apodrecer

Foste a montanha azul
que me atraiu os passos;
em cujas arestas agressivas
rasguei meus sonhos,
despenhando-me...

Porém, daqui, da alfombra deste vale
de desfalecimento,
como teus longes me seduzem ainda,
como me apareces belo,
que saudade de ti,
minha montanha azul!
Sou olhos e não tenho visão;
sou boca e tudo me parece insípido;
o meu tato não sente
os espinhos que colhe
na solidão em que me deixaste;
e em vão as rosas da primavera
abrem os lábios
ao meu olfato

Só a tua lembrança
conserva vivo
um pouco do meu ser

Só a tua saudade
prende-me ainda
à beleza da vida

Onde estás?!
Onde estou?!

Sou um corpo
que espera a alma
para acabar de morrer

Felina

Minha animada boa de veludo,
minha serpente de frouxel, estranha,
com que interesse as volições te estudo!
Com que amor minha vista te acompanha!

Tens muito de mulher, nesse teu mundo,
lírico ideal que a vida te emaranha,
pois meu ser interior vejo desnudo
se te investigo a mansuetude e a sanha

Expões, a um tempo langoroso e arisca,
sutilezas à mão que te acarinha,
garras à mão que a te magoar se arrisca

Guardas, ó tato corporificado!
A alta ternura e a cólera daninha do
meu amor que exige ser amado!

Olhando Minha Vida

Errei... Minha esperança, além,
se esfuma...
Sinto-me envelhecer...
A Terra é linda!
Mas a existência, aos poucos
se me finda, sem que eu tenha
gozado coisa alguma!

Sou produto de um erro; há
tanto vinda é a dor que no meu
peito se avoluma, que eu não
sei se a adquiri ou se ela, numa
lei atávica, em mim perdura ainda

Errei caminho, vim ao mundo à toa,
em vão minha alma libertar procuro
do peso que carrega e que a magoa

Minha existência é toda, toda errada
e, distendendo o olhar para o Futuro,
olho, perscruto, chamo, indago...-Nada...

Volúpia do Vento

Na plena solidão de um amplo descampado,
penso em ti e que tu pensas em mim suponho;
tenho toda a feição de um arbusto isolado,

abstrato o olhar, entregue à delícia de um sonho

O Vento, sob o céu de brumas carregado,
passa, ora lagoroso, ora forte, medonho!
E tanto penso em ti, ó meu ausente amado!
que te sinto no Vento e a ele, feliz me exponho

Com carícias brutais e com carícias mansas,
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...
-Sou árvore a oscilar, meus cabelos são franças...

E não podes saber do meu gozo violento,
quando me fico, assim, neste ermo, toda nua,
completamente exposta à Volúpia do Vento!

Olhos Nuns Olhos

De onde vêm,
aonde vão teus olhos,
criança,
tão cansados assim
de caminhar?
Dessa tua existência
nova e mansa
como pode provir
um tal pesar?

A alma de fantasia
não se cansa!
Nunca existiu tristeza
nesse olhar;
é que a minha mortal
desesperança te olha
e nos olhos teus
vai-se espelhar

Com toda a vista
em tua vista presa,
penso: uma dor
tão dolorosa assim
só há na minha
interna profundez...

Não me olhes mais,
formoso querubim!
que vejo nos teus olhos
a tristeza
dos meus olhos
olhando pra mim

Baú de Guardados

Pelos caminhos da vida
fechei os olhos às coisas feias,
porém as belas guardei-as
no meu baú de guardados

Por certo ninguém presente,
vendo sempre vazios

meus braços,
o que conduzem
meus passos
neste baú de guardados

E vou resgatando
em penas,
ai! como venho pagando
em choros
os pequeninos tesouros
do meu baú de guardados

Simbolos

Eu e tu, ante a noite e o amplo desdobramento
do mar, fero a estourar de encontro à rocha nua...
Um símbolo descubro aqui, neste momento
esta rocha, este mar... a minha vida e a tua.

O mar vem, o mar vai, nele há o gesto violento
de quem maltrata e, após, se arrepende e recua.
Como compreendo bem da rocha o sentimento!
São muito iguais, por certo, a minha mágoa e a sua.

Contemplo neste quadro a nossa triste vida;
tu és esse dúbio mar que, na sua inconsciência,
tem carinhos de amor e fúrias de demência!

Eu sou a dor estanque, a dor empedernida,
sou a rocha a emergir de um côncavo de areia,
imóvel, muda, isenta e alheia ao mar, alheia.

Odor dos manacás

De onde vem esta voz, este fundo lamento
com vagas vibrações de violino em surdina?
De onde vem esta voz que, nas asas, o vento
me traz, na hora violácea em que o dia declina?

Esta voz vegetal, que o meu olfato atento
ouve, certo é a expansão de uma mágoa ferina,
é o odor que os manacás soltam, num desalento,
sempre que a brisa os plange e as frondes lhes inclina.

Creio, aspirando-o, ouvir, numa metempsicose,
a alma errante e infeliz de uma extinta criatura
chamar ansiosamente outra alma que a despose...

Uma alma que viveu sozinha e incompreendida,
mas que, mesmo gozando uma vida mais pura,
inda chora a ilusão frustrada noutra vida.

Quadras simples

Ó Lua, velha fiandeira
que andas molemente a fiar,
às vezes a noite inteira,
o linho branco do luar!

Porque eu tanto assim te queira,
por tanto, Lua te amar,
dá-me na hora derradeira,
uma mortalha de luar.

Certo, nas noites de Lua,
tua alma errante de poeta,
em pleno espaço flutua
numa escalada secreta.

E, ao pálio que a Lua espalma,
buscando a tua encontrar,
dentro da noite a minha alma
se eleva, tateando no ar.

Há-de, com toda a certeza,
casar-se a minha alma à tua,
nessa capelinha acesa,
na alva capela da Lua.

E, como um monge velhinho,
rezando trêmulo, o luar,
há-de, com todo o carinho,
o nosso enlace abençoar.

Assim, pelas noites calmas,
num leve e místico abraço,
poderão as nossas almas
unir-se, ao menos, no espaço.

In "Cristais Partidos"

Bailado das ondas

Vede-as, ei-las que vêm- eternas bailarinas
para a festa noturna e fádica do luar,
segue-as o coro alegre e álcere das ondinas:
vede-as, ei-las que vêm, todas juntas, bailar.

Seios nus, braços nus que flavas serpentinas
cingem, abstratas mãos de brancura polar,
surgem, despetalando orquídeas argentinas
sobre a pelúcia azul do tapete do mar.

De quando em vez, na praia, uma a sorrir se apruma
desliza, rodopia e alva como de espuma
desnastra, erguendo o corpo em bamboleios no ar.

E a lua, entre coxins, muito pálida e loura,
em serena mudez de nobre espectadora,
pelas ondas alonga o indiferente olhar

Juízo Final

Aqui me tens horrivelmente nua,
liberta e levitante,
sem atitudes, sem mentiras,

sem disfarces,
ante o infinito da bondade tua

Perdoa-me Senhor,
o sonho de outro mundo
(meu pobre mundo tão
efêmero e inferior)
desdenhosa do teu
perfeito e eterno!

Perdoa-me Senhor,
por meus excessos
de timidez e de audácia,
de ódio e paixão,
de acolhimento e de repúdio!

Perdoa-me Senhor,
pelos ímpetos que não refreei,
pelas lágrimas que provoquei,
pelas chagas que não curei,
pela fome que não matei,
pelas faltas que condenei,
pelas idéias que transviei

Perdoa-me Senhor,
por ter amado tanto o amor
com toda sua falsidade,
com todo seu infernal encanto
que ainda perdura
nesta saudade!

Perdoa-me Senhor,
pelo que sou
sem que o tivesse desejado,
pelo que desejei e não fui nunca,
pelo que já não
mais poderei ser!...

Perdoa-me Senhor,
os pecados conscientes
que te trago de cor!

Perdoa-me Senhor,
porque não te perdôo
o não me haveres feito
um ser perfeito,
uma criatura melhor

Reminiscência

Na noite fria
Tua voz quente
expunha anseios tais,
tinha um tal despudor,
vinha tão nua,
que minha boca sentiu desejos
de vesti-la de beijos...

Na noite fria

tua voz quente
errava, louca de destemor,
pelos gelados e ermos espaços...
E tive pena de tua fala...
E abri minha alma para abrigá-la
Na noite fria
tua voz quente
pediu tanto,
chorava tanto...
Que minha vida te dei,
com a mágoa
com que se lança
velho tesouro às mãos travessas
de uma criança

Ante Uma Paisagem

Quando não tarda
O Sol a despontar,
pelas de inverno
lívidas manhãs,
a Natureza, ao olhar,
parece toda agasalhada
em lãs

Manhãs serenas
e cristalinas
essas, que ficam,
horas inteiras,
no afã contínuo
das rendeiras,
tecendo a renda
fluída das neblinas

Manhãs de tédio
e de preguiça,
em que até mesmo
o Sol custa a acordar,
e o corpo pede leito,
e o deseja, e o cobiça;
manhãs que não são mais
do que noites de luar

Manhãs de paina,
em que a alma se reclina
como sobre um frouxel
nivoso e largo,
e em que há no céu
e na campina
o mesmo pronunciado
e invencível letargo

Andam anjos,
por certo asas,
rufando pelas manhãs
de brumas, porque
tombam do céu,
de quando em quando,
crespas, estéreas plumas

O inverno a Natureza
revirgina, e quando
surge o Sol,
no início do verão,
a terra tem pudores
de menina, palpitante
de amor à solar sensação

Faz-se na natureza
um lírico noivado;
flores de laranjeira
e 'níveos véus nupciais,
traja a Terra, a esperar
que o noivo amado
venha, afinal,
lhe dar o beijo
de esponsais

O verão principia,
porém, nas coisas,
inda o inverno atua;
é dia, mas no céu
que livor, que sombria
expressão,
que macios tons de Lua!

Esta linda manhã,
tão veludosa quão fria,
a desabrochar o alvo seio,
de leve, tem o mesmo
abandono, a mesma
lentidão de uma camélia
a abrir das pétalas a neve

Toda a paisagem
é muito lânguida e fria,
há neve no arvoredos,
há neve sobre a alfombra,
com asas brancas,
a Melancolia
a Natureza ensombra

Da estrada sobre
o longo e amplo
espreguiçamento
à feila fluída da garoa,
o fantasma do Tédio,
amarelo, nevoento,
anda vagando, à toa...
Plena desolação,
pleno aniquilamento,
Tédio, somente e Tédio
a erma estrada povoa

O meu olhar
nesta paisagem sente
qualquer coisa de unção,
qualquer coisa emoliente...

O céu parece todo de penas
Asas de névoa
passam lentamente...

Nas árvores,
que estão impassíveis,
serenas,
-braços abertos
para a amplitude,
- olhos postos na altura,
há uma esperança frouxa,
indecisa, indolente,
de quem, por padecer
há muito doente,
inda dúvidas põe
na próxima ventura
E dentro da manhã
dubiamente tristonha,
das árvores a atitude
é a mesma extática
atitude de quem sonha

É dia, mas a luz
não tem calor nem raios;
onde a alegria da Natureza?
A paisagem é toda
de desmaios,
de cores e de névoas
de incerteza

É dia,
mas a estrada está vazia
e nem uma ave
o espaço corta;
o verão principia
e a Terra está
como que morta

É dia,
mas o céu é bruma,
lado a lado,
e, persistindo
num amoroso disfarce,
o Sol,
nas névoas embuçado,
continua a ocultar-se

Pelas árvores que ânsia!
Como as frondes
olham tristes a distância!

Toda de branco
para o noivado,
a paisagem inda espera:
tarde a festa
nupcial da primavera
e tarda o Sol -
o noivo desejado

Num derradeiro arranco

de paixão virgem,
luminosa, imensa,
num sonho branco...
Branco...Branco...

Memória

Sei que és belo, porém me sinto imprecisa
no cérebro a lembrança do teu rosto...
Mas dessa boca o indescritível gosto
meu lábio logo reconheceria
dentre um milhão de bocas que provasse

Sei que és belo, porém roubou-me a vista
de teu carinho e ebriez,
naquela única vez,
em que estive em teus braços

Mas a Saudade - a velha e sábia artista
no silêncio modela os teus másculos traços,
e a escultura de tua formosura
de minha solidão enche os espaços

Meus poros te olham...
De que te vê
minha epiderme se persuade,
à memória do tato,
restituindo pelos dedos da Saudade

Esfalhada

Outono! Que arrepio
anda por tudo!
- Como um pássaro esguio,
e lento,
um vento,
muito frio!
Muito frio!...
Outono! Que arrepio
pões em tudo!...

Certo, não tarda
o dia a esfalecer;
em cada fronte há um sabiá
que canta;
na voz dos sabiás
quanta tristeza
e quanta tristeza
no meu ser!

Pingam folhas...
Outono!
A ramaria
mais branda oscila,
a água do mar se amansa,
e a queda das cachoeiras
se amacia...

Chegas, Outono,

e que mudança
em tudo, à tua vinda!
- A existência se faz
uma lembrança
- o amor se faz uma
saudade linda

Em despenhos de plumas
frias, tenuíssimas,
estranhas,
sinto que no meu ser
agora te avolumas,
sinto que lentamente,
a minha vida ganhas...
Outono, e tenho às tuas brumas,
a enorme nostalgia das montanhas

É lenta e suave
a tarde, Outono,
em que me vens chegando,
tarde que me lembra uma ave
agoniada, no poente,
asas de luz murchando
em seu vôo morrente
Caem folhas, de leve,
quando em quando,
na alfofeza da alfombra;
serão folhas, Outono,
ou se estão desplumando
da tarde as asas funerais,
de sombra?

Esfalhada...
Esfalhada...
Um a um, lá se vão
os sonhos do meu ser,
ó minha vaga percepção
do Nada,
ó meu Outono,
ó meu pungitivo prazer!
Vivi depressa, estou cansada,
quisera em ti acalmar
para morrer
Esfalhada...
Esfalhada...
Devo, porém, viver
para os outros, viver!...

Chega de leve, devagar,
não despertes, Outono,
esta criança que dorme
deixe-a dormir, deixe-a sonhar;
a amargura da vida
é grande, é enorme,
Outono, dá vontade de chorar!...
Dorme, filha minha, dorme!
Não pertube teu sono
o imenso dissabor
do meu precoce Outono

Cantam os sabiás,
lentamente se movem
as frondes: sons e folhas
rolam no ar,
cada árvore parece-me
uma jovem mãe,
a infância dos frutos
a embalar
Cantarão os sabiás
nas francas que se movem,
Outono, ou se enche
a paz crepuscular
dessa tristeza jovem
das árvores que estão
os filhos a embalar?

A tarde espalha
de um espasmo a nuance,
e sai de toda a parte,
e enche todo o ar
essa infinita voz
que não se cansa de cantar,
a cantar
num lamurioso entono
de água mansa

Balança a frondeira,
a água do mar balança;
a Natureza, Outono,
é um berço enorme:
há uma existência nova
que descansa
em cada coisa que se acaba,
se destrança...

Dorme, filha minha, dorme!
Seja bendito o sono
que te ilude!
Que importa a natureza
se transforme
no Outono,
e se desfolhe a juventude?
Árvores e mulheres
temos destinos altos impolutos
na Terra, são iguais
nossos mistérios:
é preciso viver
pela vida dos frutos,
dorme, filha, descansa

O Outono guarda
uma tristeza mansa;
no seu macio
e lamurioso entono,
é o embalo do sono
de uma criança...
Pingam folhas...
O pranto os olhos
meus irrorra...
Pela estação que chega,

que me vem,
em cada árvore
eu vejo uma mulher,
lá fora...
E me suponho uma
árvore também
na esfolhada desta hora

Impressões do Som

Falas... E, por te ouvir, me
fico muda e queda; a minha
alma, porém, começa a
atravessar uma larga, uma
longa e sombria alameda de
laranjas em flor se
despetalando ao luar...

Falas... Pelo silêncio há
capulhos de seda...
Toma-me a sensação de um
langor singular...
Falas... E tua fala, ora triste,
ora leda, tem a ascensão sutil
do aroma a espiralar

Falas... Ao te escutar, sinto,
nesse momento, que tua voz
é um branco, é um
perfumoso unguento para a
chaga febril do meu grande
pesar...

Falas... E, ora, sentindo a tua
suave fala, cuido que um
anjo louro, a sorrir, despetala
flores, sobre meu Sonho
afrito, a agonizar

Voz de surdinas, voz
sugestiva, que assumes a
solene expressão de uma
prece longeva
Voz de surdinas, voz que na
cama se eleva, acariciante,
sutil; voz que o senso
presume a manifestação
exterior de uma leva de
flores, a harmonia etérea do
perfume

Recorda-me esta voz, de tão
meiga, tão mansa, a canção
maternal que me embalava
em criança, e me sinto
infantil, ora, queda, a escutá-la

Essa voz mais parece uma
voz subjetiva, esta voz tão

somente o Silêncio a deriva,
esta voz, com certeza, é do
Silêncio a fala

Saudade

De quem é esta saudade
que meus silêncios invade,
que de tão longe me vem?

De quem é esta saudade,
de quem?

Aquelas mãos só carícias,
Aqueles olhos de apelo,
aqueles lábios-desejo...

E estes dedos engelhados,
e este olhar de vã procura,
e esta boca sem um beijo...

De quem é esta saudade
que sinto quando me vejo?

(in Velha poesia, 1965)

Esboço

Teus lábios inquietos
pelo meu corpo
acendiam astros...
e no corpo da mata
os pirilampos
de quando em quando,
insinuavam
fosforescentes carícias...
e o corpo do silêncio estremecia,
chocalhava,
com os guizos
do cri-cri osculante
dos grilos que imitavam
a música de tua boca...
e no corpo da noite
as estrelas cantavam
com a voz trêmula e rútila
de teus beijos...

(in Sublimação, 1928)

O retrato fiel

Não creias nos meus retratos,
nenhum deles me revela,
ai, não me julgues assim!

Minha cara verdadeira
fugiu às penas do corpo,
ficou isenta da vida.

Toda minha faceirice

e minha vaidade toda
estão na sonora face;

naquela que não foi vista
e que paira, levitando,
em meio a um mundo de cegos.

Os meus retratos são vários
e neles não terás nunca
o meu rosto de poesia.

Não olhes os meus retratos,
nem me suponhas em mim.

Olhando o mar

Sempre que fito o mar
tenho a ilusão de achar-me diante
de um silêncio amplo, ondulante,
de um silêncio profundo,
onde vozes lutassem por gritar,
por lhe fugirem do invisível fundo.

Diante do mar eu fico triste,
nessa mudez de quem assiste
reproduções do próprio dissabor;
diante do mar eu sou um mar,
a outro de apor
e a se indeterminar.

O mar é sempre monotonia,
na calma
ou na tempestade.
Fujo de ti, ó mar que estrondas!
porque a tristeza que me invade
tem a continuidade
das tuas ondas...

Mas te amo, ó mar, porque minha alma e a tua
são bem iguais: ambas profundamente
sensíveis, e amplas, e espelhantes;
nelas o ambiente
atua
apenas superficialmente...

Calma de cismas, de êxtases, de sonhos,
desesperos medonhos,
ânsias de azul, de alturas...
- Longos ou rápidos instantes
em que me transfiguro, em que te transfiguras...
Nos nossos sentimentos sem represa,
nas nossas almas, quanta afinidade!
- Tu sentindo por toda a natureza!
- Eu sentindo por toda a humanidade!

Nos dias muito azuis, o meu olhar,
atento,
a descer e a se elevar,
supõe o mar um espreguiçamento

do céu e o céu um êxtase do mar.

Há nos ritmos da água
marinha uma poesia, a mais completa,
essa poesia universal da mágoa.

O mar é um cérebro em laboração,
um cérebro de poeta;
nas suas ondas, vêm e vão
pensamentos, de roldão.

O mar,
imperturbavelmente, a rolar, a rolar...
O mar... - Concluo sempre que metido
em sua profundidade e em sua vastidão:
- o mar é o corpo, é a objetivação
do espaço, do infinito.

Encantamento

A Francisco Alves - O perfeito intérprete da canção brasileira

Canta,
que tua voz
ardente e moça
faz com que eu sinta a meiguice
das palavras que a vida não me disse.

Para te ouvir melhor
abro as janelas
e fico a sós
com tua voz
sonhando
que a noite está cantando
pelos lábios de fogo das estrelas.

Canta,
boca febril que não conheço,
que nunca me falaste e que me dizes tudo!...

Ave estranha
de garras de veludo,
entoa para mim
uma canção sem fim!

Canta,
que ao teu canto vejo
em tudo
quietude atroz
de insatisfeito desejo
Canta,
— em cada ouvido há um beijo
para tua linda voz.

(...)

Publicado no livro *Sublimação* (1938).
In: MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L.
Christiano: FUNARJ, 1991, p. 335.

Nesta ausência

Nesta ausência que me excita,
tenho-te, à minha vontade,
numa vontade infinita...
Distância, sejas bendita!
Bendita sejas, saudade!

Teu nome lindo...Ao dizê-lo
queimo os lábios, meu amor!
- O teu nome é um setestrela
na noite da minha dor.

Nunca digas com firmeza
que a mágoa apenas crucia:
a saudade é uma tristeza,
que nos dá tanta alegria!

Passo horas calada e queda,
a rever, a relembrar
as duas asas de seda
do teu langoroso olhar.

Se a mágoa nos não conforta,
por que é que a felicidade
tem mais sabor quando morta,
depois que se faz saudade?

Noite selvagem

Entro na selva. A noite é espessa. De centenas
de pirilampos toda a mata se ilumina;
astros movem no espaço as rútilas antenas,
como insetos de luz, numa etérea campina.

Ergo ao céu, desço à terra a assombrada retina,
e ante as luzes astrais e ante as luzes terrenas,
a terra e o céu, o céu e a terra, julgo, apenas,
um céu que se distende, alonga e indetermina.

Em cima há tanta luz que o olhar erguido pasma!
Cada estrela parece um luminoso miasma
a medrar, a fulgir da treva na espessura.

e a noite tão negra e tão ampla, e tão densa,
é um pântano infinito, uma lagoa imensa,
a decompor-se em luz, a efervescer na altura.

Insone

Noite feia. Estou só. Do meu leito no abrigo
cai a luz amarela e doentia do luar;
tediosa os olhos fecho, a ver, se assim consigo,
por momentos sequer o sono conciliar.

Da janela transponho o entreaberto postigo
entra um perfume humano impelido pelo ar...
"És tu meu casto Amor? és tu meu doce amigo,
que a minha solidão agora vens povoar?"

A insônia me alucina; ando num passo incerto:
"és tu que vens... és tu!- Reconheço este odor..."
Corro à porta, escancaro-a: acho a Treva e o Deserto.

E este aroma que é teu, aspirando, suponho
que a essência da tua alma, ó meu divino amor!
para mim se exalou no transporte de um sonho.

Verão

A Primavera veio
e se foi, mas deixou tremendo em cada seio
um rebento de amor. O Verão se acentua,
e, de manhã, bem cedo,
vêm dos silêncios amplos e sombrios
dos versudos moitais,
vêm do arvoredado,
murmúrios
macios
de cílios...
Há um mistério, um segredo
que sai dos íntimos refolhos
da alma dos animais,
das plantas, do minério,
– amoroso mistério
que as mulheres relatam pelos olhos.

Parece mais redonda
a curva da montanha, a curva da onda...
Por onde quer que a luz dos olhos entre
estranha tumescência encontra em cada ventre;
o claro e escampo céu, sobre as coisas aberto
da terra está mais perto
e está mais lindo,
como que pesado, como que caindo,
das entranhas contendo nos profundos
desvãos a gravidez de novos mundos.

Verão!
Que maravilha!
– a luz fervilha
em tudo:
nota-se do silêncio no veludo
uma palpação
de existência no embrião;
partículas de Sol a água envolve, rolando,
partículas de Sol tremem, de quando em quando,
na fronderia, no ar;
partículas de Sol pululam pela estrada
que trilho, iluminada...
Creio que a luz esteja a desovar,
sinto-a vivendo, sinto-a vibrando
na minha pele, em cada membro, a cada
instante, e vago contaminada,
pelo gérmens vitais da procriação solar.

O dia lembra uma exaustão de amor...
Verão! Que acídia, que langor!...

Quem me dera também me desdobrar assim
como esse azul etéreo
que paira sobre mim
num lírico elastério!...
Por ti, Verão, todo meu corpo sente
ânsia de se expandir indefinidamente,
ânsia de se esticar, de se esticar
como as montanhas, como o mar,
em curvas lentas, no semiústo ambiente;
ânsia de distender
uma serpente
que carrego enroscada no meu ser.

Quero amor, quero ardência! A ti me exponho.
Verão, sou toda fecundidade!
– O calor me penetra, o Sol me invade
o senso,
e tudo em torno a mim se torna mais extenso,
tudo em que os olhos ponho:
o céu, o oceano, a mata...
E enquanto em gestação a Terra se dilata,
Dilata-se minha alma à gestação do Sonho.

Publicado no livro *Mulher Nua* (1922).
In: MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: L. Christiano, 1992.

Ser Mulher ...

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

Publicado no livro *Cristais partidos* (1915).
In: MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, p. 106.

Particularidades ...

Muitas vezes, a sós, eu me analiso e estudo,
os meus gostos crimino e busco, em vão torcê-los;
é incrível a paixão que me absorve por tudo
quanto é sedoso, suave ao tato: a coma... Os pêlos...

Amo as noites de luar porque são de veludo,
delício-me quando, acaso, sinto, pelos
meus frágeis membros, sobre o meu corpo desnudo
em carícias sutis, rolem-me os cabelos.

Pela fria estação, que aos mais seres eriça,
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,
às luvas de camurça, às boas, à pelica...

O meu tato se estende a todos os sentidos;
sou toda languidez, sonolência, preguiça,
se me quedo a fitar tapetes estendidos.

Publicado no livro Estados da Alma (1917).
In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volússia Machado.
Rio de Janeiro: L. Christiano: Funarj, 1991. p.150.

Frustração

Amei o Amor, ansiei o Amor, sonhei-o
uma vez, outra vez (sonhos insanos!)...
e desespero haja maior não creio
que o da esperança dos primeiros anos.

Guardo nas mãos, nos lábios, guardo em meio
do meu silêncio, aquém de olhos profanos,
carícias virgens para quem não veio
e não virá saber dos meus arcanos.

Desilusão tristíssima de cada
momento, infausta e imerecida sorte,
de ansiar o amor e nunca ser amada!

Meu beijo intenso e meu abraço forte,
com que pesar penetrareis o Nada,
levando tanta vida para a morte!...

Fecundação

Teus olhos me olham
longamente,
imperiosamente...
de dentro deles teu amor me espia.

Teus olhos me olham numa tortura
de alma que quer ser corpo,
de criação que anseia ser criatura

Tua mão contém a minha
de momento a momento:
é uma ave aflita
meu pensamento
na tua mão.

Nada me dizes,
porém entra-me a carne a persuasão
de que teus dedos criam raízes
na minha mão.

Teu olhar abre os braços,
de longe,
à forma inquieta de meu ser;
abre os braços e enlaça-me toda a alma.

Tem teu mórbido olhar
penetrações supremas
e sinto, por senti-lo, tal prazer,
há nos meus poros tal palpitação,
que me vem a ilusão
de que se vai abrir
todo meu corpo
em poemas.

(in Sublimação, 1928)

Reflexão

Há certas almas
como as borboletas,
cuja fragilidade de asas
não resiste ao mais leve contato,
que deixam ficar pedaços
pelos dedos que as tocam.

Em seu vôo de ideal,
deslumbram olhos,
atraem as vistas:
perseguem-nas,
alcançam-nas,
detêm-nas,
mas, quase sempre,
por saciedade
ou piedade,
libertam-nas outra vez.

Ela, porém, não voam como dantes,
ficam vazias de si mesmas,
cheias de desalento...

Almas e borboletas,
não fosse a tentação das cousas rasas;
- o amor de néctar,
- o néctar do amor,
e pairaríamos nos cimos
seduzindo do alto,
admirando de longe!...

(in Sublimação, 1928)

Chuva de cinzas

na estática mudez da Terra triste e viúva;
e, da tarde ao cair, sinto, minha alma, agora,
embuça-se na cisma e no torpor se enluva.

Hora crepuscular, hora de névoas, hora

em que de bem ignoto o humano ser enviúva;
e, enquanto em cinza todo o espaço se colora,
o tédio, em nós, é como uma cinérea chuva.

Hora crepuscular - concepção e agonia,
hora em que tudo sente uma incerteza imensa,
sem saber se desponta ou se fenece o dia;

hora em que a alma, a pensar na inconstância da sorte,
fica dentro de nós oscilando, suspensa
entre o ser e o não ser, entre a existência e a morte.

(Velha Poesia, Ed.Baptista de Souza, Rio, 18965, pag.15)

Emotividade da cor

A Dolores Marques Caplonch e a Miguel Caplonch

Sete cores — sete notas erradias,
sete notas da música do olhar,
sete notas de etéreas melodias,
de sons encantadores
que se compõem entre si,
formando outras tantas cores,
do cinzento que cisma ao jade que sorri.

Há momentos
em que a cor nos modifica os sentimentos,
ora fazendo bem, ora fazendo mal;
em tons calmos ou violentos,
a cor é sempre comunicativa,
amortece, reaviva,
tal a sua expressão emocional.

Lançai olhares investigadores
para a mancha dos poentes:
há cores que são ecos de outras cores,
cores sem vibrações, cores esfalecentes,
melodias que o olhar somente escuta,
na quietude absoluta,
ao Sol se pôr...
Quem há que inda não tenha percebido
o subjetivo ruído
da harmonia da cor?

(...)

— A Cor é o aroma em corpo e embriaga pelo olhar.
Cor é soluço, cor é gargalhada,
cor é lamento, é suspiro,
e grito de alma desesperada!
Muitas vezes a cor ao som prefiro
porque a minha emoção é igual à sua:
— parada, estatelada
dizendo tudo, sem que diga nada,
no prazer ou na dor.

Olhar a cor
é ouvi-la,

numa expressão tranquila,
falar de todas as sensações
caladas, dos corações;
no entanto, a cor tem brados,
mas brados estrangulados,
mágoas contidas,
mudo querer,
ânsia, fervor, emotividade
de desconhecidas
vidas,
que se ficaram na vontade,
que não conseguiram ser...

Cores são vagas, sugestivas toadas...

Cores são emoções paralisadas...

(...)

Publicado no livro Estados de alma (1917).

In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, p. 141-

Impressões do gesto

A uma bailadeira

A tua dança indefinida,
que me retém extática, surpresa,
guarda em si resumida
a harmonia orquestral da natureza,
a eurtmia da Vida.

(...)

Danças, os membros novamente agitas,
todo teu ser parece-me tomado
por convulsões de dores infinitas...
E desse trágico crescendo
de gestos que encham o silêncio de ais,
vais
smorzando, descendo,
como que por encanto,
presa de um místico quebranto...
Danças e cuidado estar em ti me vendo.

Os teus meneios
são
cheios
de meus anseios;
a tua dança é a exteriorização
de tudo quanto sinto:
minha imaginação
e meu instinto
movem-se nela alternadamente;
minha volúpia, vejo-a torça, no ar,
quando teu corpo lânguido, indolente,
sensibiliza a quietação do ambiente,

ora a crescer, ora a minguar
numa flexuosidade de serpente
a se enroscar
e a se desenroscar.
Em tua dança agitada ou calma,
de adejos cheia e cheia de elastérios,
materializa-se minha alma,
pois nos teus membros leves, quase etéreos,
eu contemplo os meus gestos interiores,
meus prazeres, meus tédios, minhas dores!

(...)

Publicado no livro Mulher nua: poesia (1922).
In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volússia Machado. Rio de Janeiro: L.
Christiano: FUNARJ, 1991, p.227-230.

Lembranças

Teus retratos — figuras esmaecidas;
mostram pouco, muito pouco do que foste.
Tuas cartas — palavras em desgaste,
dizem menos, muito menos
do que outrora me diziam
teus silêncios afagantes...
Só o espelho da minha memória
conserva nítida, imutável
a projeção de tua formosura,
só nos folhos dos meus sentidos
pairam vívidas
em relevo
as frases que teu carinho
soube nelas imprimir.

Sou a urna funerária de tua beleza
que a saudade
embalsamou.

Quando chegar o meu instante derradeiro
só então, mais do que eu,
tu morrerás
em mim.

Publicado no livro Velha poesia (1965).
In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volússia Machado. Rio de Janeiro: L.
Christiano: FUNARJ, 1991, p.440.

Pelo telefone

Ignoro quem tu és,
de onde vens,
aonde irás;
amo-te pelo enigma pertinaz
que em ti me atrai e me intimida,
por essa música mendaz
de tua voz
que alvoroçou minha audição
e me vem desviando a vida
de seu destino de solidão.

Ignoro quem tu és,
de onde vens,
aonde irás...
Fala-me sempre,
mente mais;
não te posso exprimir o pavor que me invade,
as aflições que me consomem,
ao meditar na triste realidade
de que deve ser feita
essa tua alma de homem.

Ignoro quem tu és,
de onde vens,
aonde irás,
audaz
desconhecido;
tua palavra mente ao meu ouvido,
mas não mente essa voz que me treslouca!
— Ela é o amor que me chama por tua boca,
num apelo tristonho,
de saudade;
é a exortação do sonho
à minha rara sensibilidade.
Ignoro quem tu és,
de onde vens,
aonde irás:
amo a ilusão que tua voz me traz.
a falsidade em que procuro crer.

Fala-me sempre, mente mais,
que de mim só mereces tanto apreço,
ó nebuloso, porque desconheço
as humanas misérias de teu ser!

Mas nesta solidão a que me imponho,
quando quedo em silêncio
a te aguardar a voz,
como se torna teu enigma atroz,
que ânsia de estrangular este formoso sonho,
de transpor os espaços,
de bem te conhecer,
de me atirar depressa,
inteira,
nos teus braços,
de te possuir só para te esquecer!...

Publicado no livro *Sublimação* (1938).
In: MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, P. 328-

Troversando

Do sucesso na subida
nunca te orgulhes demais
muito difícil na vida
é conservar o cartaz

(...)

Eu não explico a ninguém
pois ainda não compreendi
porque te chamo meu bem
se sofro tanto por ti.

(...)

Entre nuvens no infinito,
sofro a prisão mais prisão...
Sinto-me pássaro aflito
na gaiola de um avião.

Não rias do que te digo
mas sempre na nossa alcova
eu quisera estar contigo
como escova sobre escova.

(...)

Do meu coração me espanto!
O amor só me deu pesar,
como tendo amado tanto
tenho ainda amor para dar?!...

(...)

Publicado no livro Velha poesia (1965).
In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L.
Christiano: FUNARJ, 1991, p.429-

Possa eu, da phrase nos absonos sons

Possa eu, da phrase nos absonos sons,
em versos minuciosos ou succintos,
expressar-me, dizer dos meus instinctos,
sejam elles, embora, máos ou bons.

Quero me vêr no verso, intimamente,
em sensações de gôso ou de pezar,
pois, occultar aqui'lo que se sente,
é o proprio sentimento condemnar.

Que do meu sonho o bronco véo se esgarce
e mostre núa, totalmente núa,
na plena graça da simpleza sua,
minha Emoção, sem peias, sem disfarce.

Quero a arte livre em sua contextura,
que na arte, embora peccadora, a Idéa,
deve julgada ser como Phrinéa:
- na pureza triumphal da formosura.

Gelar minha alma de paixões accêsa
porque? si desta forma ao Mundo vim;
si adoro filialmente a Natureza
e a Natureza é que me fez assim.

Meu ser interno, tumultuoso, vario,
- mão grado o parvo olhar profanador –
no livro exponho como num mostruario:
sempre a verdade é digna de louvor.

Fiquem no verso, pois, eternamente,
as minhas sensações gravadas, vivas,
nas longas crises, nas alternativas
desta minha alma doente.

Relatando o pezar, relatando o prazer,
través a agitação, través a calma,
a estrophe deve tão somente ser
o diagnostico da alma.

(conservando a ortografia original...)

De MACHADO, Gilka. Estados da alma: poesias. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917.

Rosas

I

Cabe a supremacia á rosa, entre o complexo
das flôres, pelo viço e pela pompa sua,
e o arôma que ella traz sempre á corolla annexo
o coração humano excita, enleva, estua.

Quando essa flôr se ostenta á luz tibia da Lua,
o luar busca enlaçal-a, amoroso, perplexo,
e ella sonha, estremece, oscilla, ri, fluctua
e desmaia, ao sentir esse ethereal amplexo.

Si é rosea lembra carne ardente, palpitante...
nívea – lembra pureza e nada ha que a supplante,
rubra – de certa bocca os labios nella vejo.

Seja qualquer a côr, por sobre o hastil de cada
rosa, vive a Mulher, nos jardins flôr tornada:
- symbolo da Volupia a excitar o Desejo.

II

Rosas cujo perfume, em noutes enluardas,
é um sortilegio ethereo a transpôr as rechans;
rosas que á noute sois risonhas, floreas fadas,
de cutis de velludo e tenras carnes sans.

Sejaes da côr do luar ou côr das alvoradas,
rosas, sois no perfume e na alegria irmans,
e todas pareceis, á luz desabotoadas,
a concretisação dos risos das Manhans!

Ó rosas de carmim! Ó rosas roseas e alvas!
ha nesse vosso odôr toda a maciez das malvas,
a púbere maciez do pêcego em sazão.

Dae que eu possa gosar, ao vosso collo rente,
esse perfume, a um tempo excitante e emolliente,
numa dubia, sensual e suave sensação!

(conservando a ortografia original...)

De MACHADO, Gilka. Estados da alma: poesias. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1915.

Sensual

Quando, longe de ti, solitaria, medito
neste affecto pagão que envergonhada occulto,
vem-me ás narinhas, logo, o perfume exquisito
que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão deste affecto infinito
ha muito que, medrosa, em meus labios sepulto,
pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
á minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira
dos protestos que, outr'ora, eu fizera a mim mesma
de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,
e sinto da volupia a ascosa e fria lêsma
minha carne polluir com repugnante baba...

(conservando a ortografia original...)

De MACHADO, Gilka. Estados da alma: poesias. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1915.

Olhos verdes

Ha na vibrante côr dos teus olhos, creatura,
a virential frescura
dos verdes e viçosos vegetaes;
teus olhos são, na côr e na espessura,
florestas virginaes,
onde das illussões o alacre bando
passa, de quando em quando,
cantando...

Olhos de expressões graves e fidalgas,
postos na introversão dos intimos scismares.
Olhos que lembram solitarias algas,
pompeando á superficie esmaecida dos mares.

Olhos onde do olhar alheio mal escondes
a tua alma aisteroide, a tua alma singular,
pois, coma através das frondes
côam-se pelo espaço as filandras do luar,

tua alma os olhos te ablue, inunda,
transvasa e o rosto te illumina e banha
de uma luz albuginea, luz estranha,
luz que do luar supponho oriunda.

Ha nos teus olhos a verdura intensa
das aguas mortas, das estagnações,
e quem os vê, depressa, pensa
vêr tenros tinhorões...

Olhos de cujo olhar os gonfalões desfraldas,
e deixas a rolar por todo o ambiente,
como uma chuva undante, uma chuva esplendente,
uma diliquescencia de esmeraldas.

Quando entreabro do sonho os fenestraes postigos
e aos teus olhos amigos,
para melhor os vêr, envio o olhar,
tuas pupillas julgo orvalhados pascigos
onde, sempre a pastar,
vive, das illusões proprias só das creancinhas,
o armento de ovelhinhas.

Olhos que lembram folhas pendidas,
folhas do vento na aza levadas,
postas em tristes, hiemaes jazidas
de alvacentas estradas.

Olhos macios,
cujos olhares supponho rios
a desaguarem nos olhos meus;
olhos de tal mysticismo feitos
que, olhos herejes ficam sujeitos,
só por fital-os, a crêr em Deus.

Divinos olhos, cujas pupillas,
langues, tranquillias,
são duas malvas,
malvas escuras,
abertas sempre sobre as brancuras
das corneas alvas...

Olhos com os quaes meus olhos maravilhas
de luz,
olhos que são abandonadas ilhas
do oceano á flux...
ilhas distantes,
apparecidas em alto mar,
onde os meus olhos – dous navegantes,
andam buscando sempre aportar.

Olhos serenos, olhos de creança,
de olhar queixoso como onda mansa,
como onda calma,
que lasso, leve, langue se lança
na praia solitaria da minha alma.

Olhos solennes e scismadores,
verdes como os oceanos, como as franças,
olhos – embalsamadas esperanças
postas sobre o brancor de estaticos andores.

Olhos tristonhos,
por onde vejo, em procissão e em côro,
desfilarem verdes sonhos,
sob os arcos triumphaes dos supercilios de ouro.

(conservando a ortografia original...)

De MACHADO, Gilka. Estados da alma: poesias. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1915.

Espirutuaes

I

Do meu amôr por ti como contar-te a historia,
si nem sei desde quando em meu cerebro o trago,
erguido assim como uma igreja merencorea,
da qual tu sempre foste o milagroso orago?

De ha tanto não te vêr, apenas, na memoria,
conservo do teu rosto um simulacro vago,
e, como desse amôr gôso supremo e gloria,
lembro de um teu sorriso o espiritual afago.

O meu amôr por ti é intangível e puro,
desprovido de ardor, desprovido das ancias
dos prazeres carnaes, ephemeros e escassos.

Amôr em que o meu sêr totalmente depuro,
amôr que te dedico através das distancias,
como um sol a outro sol, através dos espaços.

II

O meu amôr por ti é uma arvore exilada,
verde, em pleno vigor da juvenil chimera,
que, na ampla vastidão de solitaria estrada,
ama outra arvore que, de longe, a aneia e espera.

Que importa da tristeza o inverno ponha em cada
folha sua uma ruga e a torne velha e austera?
para que ella resurja, alegre e remoçada
a Esperança virá qual uma Primavera.

E ha-de este nosso amôr esperançoso e lindo,
os nossos corações, ó meu longinquo amante!
cada vez mais encher, frondejando... subindo...

Amôr mudo e soffrente, amôr calmo e tristonho
- arvore a receber de outra arvore distante
o alvo pollen da dôr para a anthese do Sonho.

III

Para que deste amôr nunca a memoria laves
vivamos sempre assim, a distancia sujeitos,
tu – ignorando sempre os meus defeitos graves,
eu – ignorando sempre os teus leves defeitos.

Como duas eguaes e extraordinarias naves
irão – rumo do ideal – nossas almas de eleitos,
ambas vogando sobre os mesmos sonhos suaves,
ao desejo que as move e inflamma nossos peitos.

Cada vez entre nós mais a distancia aumentando,
para que esse almo ideal, tantos annos sonhando,
não vejamos fugir num rapido momento,

e sintamos, então, immoveis, lado a lado,
essa nausea, esse tédio, esse aniquilamento
que vem sempre depois de um desejo saciado.

(conservando a ortografia original...)

De MACHADO, Gilka. Estados da alma: poesias. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1915.

Incenso

A Olavo Bilac

Quando, dentro de um templo, a corola de prata
do turíbulo oscila e todo o ambiente incensa,
fica pairando no ar, intangível e densa,
uma escada espiral que aos poucos se desata.

Enquanto bamboleia essa escada e suspensa
paira, uma ânsia de céus o meu ser arrebatada,
e por ela a subir numa fuga insensata,
vai minha alma ganhando o rumo azul da crença.

O turíbulo é uma ave a esvoaçar, quando em quando
arde o incenso ... Um rumor ondula, no ar se espalma,
sinto no meu olfato asas brancas roçando.

E, sempre que de um templo o largo umbral transponho,
logo o incenso me enleva e transporta minha alma
à presença de Deus na atmosfera do sonho.

Publicado no livro Cristais partidos (1915).

In: MACHADO, Gilka. Poesias completas. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, p.32.

Embora de teus lábios afastada

Embora de teus lábios afastada
(Que importa ? - Tua boca está vazia ...)
Beijo esses beijos com que fui beijada,
Beijo teus beijos, numa nova orgia.

Inda conservo a carne deliciada
Pela tua carícia que mordida,
Que me enflorava a pele, pois, em cada
Beijo dos teus uma saudade abria.

Teus beijos absorvi-os, esgotei-os :
Guardo-os nas mãos, nos lábios e nos seios,
Numa volúpia imorredoura e louca.

Em teus momentos de lubricidade,
Beijará outros lábios, com saudade
Dos beijos que roubei de tua boca.

Analogia

Amo o Inverno assim triste, assim sombrio,
lembrando alguém que já não sabe amar;
e sempre, quando o sinto e quando o espio,
julgo-te eterizado, esparso no ar.

Afoita, a alma do Inverno desafio,
para inda te querer e te pensar...
para gozá-lo e gozar-te, que arrepio!...
que semelhança em ambos singular!...

Loucura pertinaz do meu anelo:
— emprestar-te, emprestar-lhe uma emoção,
— pelo mal de perder-te querer tê-lo...

Amor! Inverno! Minha aspiração!
quem me dera resfriar-me no teu gelo!
quem me dera aquecer-te em meu verão!...

No cavalo

Belo e heróico, agitando as veludosas crinas,
meu árdego animal, tens a sofreguidão
do infinito — o infinito haures pelas narinas —
e, sem asas obter, buscas fugir do chão.

Domino-te; entretanto, és tu que me dominas.
É um desejo que espera a humana direção
a tua alma, e, transpondo os valos e as campinas,
meu sentimento e o teu se compreendendo vão.

Amas o movimento, o perigo, as distâncias;
meigo, sentimental, tens arrojadas ânsias,
em tuas veias corre um férvido calor.

Quando em teu corpo forte o frágil corpo aprumo
eu me sinto disposta a lançar-me, sem rumo,
às conquistas da Glória e às conquistas do Amor!

Escutando-me

Nas horas de trevor, quando, erma, a Terra dorme,
dos longes de mim mesma, em súplicas, se eleva
uma voz que parece a de um ser multiforme,
que vem da minha treva e vai morrer na treva.

Esta múltipla voz, esta voz triste e enorme,
voz que minha não é por tão funda e longeva,
a vibrar, sem que o tempo a enfraqueça ou transforme,
os sentidos me exalta, amotina, subleva.

É a tumultuária voz de velhos mortos seres
renascidos em mim, voz de anteriores vozes,
de vidas que vivi nas penas mais atrozes!...

Quem poderá calar a multidão aflita

que, sempre, em minha calma e em meus silêncios grita:
Deus, Senhor, onde estão da existência os prazeres?!...

Miséria

Miséria — minha íntima riqueza,
neste viver lentíssimo e enfadonho!
imortal estatuária da beleza
dos versos dolorosos que componho!

Cedo, teu vulto, de lirial esgueira,
olhei, de minha mãe no olhar tristonho;
e nem supunha, àquele seio presa
que eras tu que aleitavas o meu sonho!...

Deste-me, em ouro que se não consome,
ao espírito quanto me extorquiste
ao corpo, ó pão ideal da minha fome!

Faças-me a alma robusta e a forma etérea,
amo-te assim minha opulência triste,
minha faustosa e imácula miséria!

Reflexões

Homem! um dia para mim partiste,
colhendo-me no horror da plenitude
de uma penúria em que eu medrava, triste,
qual flor de neve em meio a erma palude.

Desde então, com prazer, sempre, seguiste
os desfolhos da minha juventude;
e o tempo faz que para mim se enriste
melhor teu trato cada vez mais rude.

Se fiel a ti o corpo meu persiste,
a alma idealiza o amor, sonha-o, se ilude...
guardes-me, embora, de perfídia em riste!

À pertinácia do teu trato rude,
o amor se fez minha virtude triste
e meu pecado cheio de virtude!

Reflexões II

Se de maldades anda a vida cheia,
duas virtudes pairam sobre a Terra:
uma tudo que tem aos mais descerra,
outra tudo que tem na alma refreia.

Esta semelha uma enoutada serra;
aquela é uma planície à Lua-cheia,
e se uma de si mesma vive alheia,
a outra sofre o pavor do quanto encerra.

Do Bem seguem as duas pela trilha:
esta — lutando, num esforço rude,

aquela — em gozo ideal que a maravilha.

Se ambas iguais parecem na existência,
chama-se uma inconsciência da Virtude,
chama-se outra Virtude da consciência.

Reflexões III

Na soturna mudez dos meus infaustos dias
dentro em mim, sem que alguém os possa divisar,
há um anjo que abençoa as minhas agonias
e um demônio que ri do meu grande pesar.

Um me ordena a tortura, e fala em fugidias
delícias, e ergue aos céus o austero e frio olhar;
o outro tem seduções, risos, frases macias
e açula-me a um prazer bem fácil de alcançar.

Dous poderes rivais se defrontam em mim;
como atender, porém, a esse duplo comando?
— um dos dous (qual dos dous?) deve triunfar por fim?

Minha vontade hesita, é a um pêndulo igual,
e eu morro, lentamente, oscilando... oscilando...
entre as dores do Bem e as delícias do Mal.

Reflexões IV

Eu sinto que nasci para o pecado,
se é pecado, na Terra, amar o Amor;
anseios me atravessam, lado a lado,
numa ternura que não posso expor.

Filha de um louco amor desventurado,
trago nas veias lírico fervor,
e, se meus dias a abstinência hei dado,
amei como ninguém pode supor.

Fiz do silêncio meu constante brado,
e ao que quero costume sempre opor
o que devo, no rumo que hei traçado.

Será maior meu gozo ou minha dor,
ante a alegria de não ter pecado
e a mágoa da renúncia deste amor?!...

Reflexões V

Busco fora de mim o que existe somente
em mim; sempre serei a solitária flor
que, da infausta existência esquecida, inconsciente,
varia na embriaguez febril do próprio odor.

Distribui-se meu ser de tal modo no ambiente,
que chego a uma alma irmã perto de mim supor;
sinto comigo, alguém, longe de toda gente,
e as multidões me dão da soledade o horror.

O que anseio é só meu, só no meu ser existe,
e por isso me fiz muito triste, assim triste,
no sonho de afeição que me é dado compor...

Procuro-me a mim mesma, em meus longes perdida,
sem poder encontrar, dentro de estranha vida,
um amor, outro amor, para o meu louco amor!...

Reflexões VI

Ó meu santo pecado, ó pecadora
virtude minha! ó minha hesitação!
bem diferente esta existência fora,
ermo de ti tão frágil coração!...

Se ora és sensualidade cantadora,
instinto vivo, alegre volição,
logo és consciência calma, pensadora,
silenciosa tortura da razão.

Contudo, eu te bendigo, eu te bendigo,
ó dúbio sentimento, que comigo
vives, minha agonia e meu prazer!

Quanto lourel minha existência junca,
por ti, pecado, que não foste nunca,
por ti, virtude, que ainda sabes ser!

Reflexões VII

Meu espírito — eterno insatisfeito —
inútil teu esforço de pureza!
hoje, que obténs das multidões, o pleito,
do que nunca é maior tua tristeza.

Ante o teu sonho consumado, esfeito,
notas, cheio da máxima surpresa,
que, na ânsia de ser grande, ser perfeito,
mentiste a Deus, mentiste à natureza.

A ti mesma mentiste, e, merencória
e humilde, Alma, contemplas estas flores
que se vêm de esfolhar por tua glória.

Sofres, os olhos te transbordam de água!...
doem mais do que injúrias os louvores
por um bem que se fez cheia de mágoa.

Reflexões VIII

Ouve, minh'alma, e pensa muito, pensa:
nossa pobre existência já se evade,
cheia de tédio, cheia de descrença,
sem que leve sequer uma saudade.

Olham-me com a friez da indiferença

esses por quem, repleta de piedade,
trocaste outrora uma ventura imensa
pelo atroz desespero que me invade!

Regressa ao teu Amor, goza um momento,
que o momento de amor que a vida goza
mais do que a eternidade é longo e lento.

Ante o pequeno bem de almas tão frias,
porque te não sustaste, alma piedosa,
com remorso do mal que nos fazias?!...

Reflexões IX

Amei o Amor, ansiei o Amor, sonhei-o
uma vez, outra vez (sonhos insanos!)...
e desespero haja maior não creio
que o da esperança dos primeiros anos.

Guardo nas mãos, nos lábios, guardo em meio
do meu silêncio, aquém de olhos profanos,
carícias virgens, para quem não veio
e não virá saber dos meus arcanos.

Desilusão tristíssima, de cada
momento, infausta e imerecida sorte
de ansiar o Amor e nunca ser amada!

Meu beijo intenso e meu abraço forte,
com que pesar penetrareis o Nada,
levando tanta vida para a Morte!...

Ironia do mar

Soa um grito de dor... e o detono de uma onda,
Como uma salva, atoa e repercute, pelos
Longes do ar... De onde veio a voz o ouvido sonda
E, em vão, busco escutar do naufrago os apelos.

E o truculento Mar sinistramente estronda,
Ruge, regouga, rola, espuma, em rodopelos,
E, talvez, porque, agora, almo tesouro esconda,
Cada vez mais feroz se arrepia de zelos.

Para a presa reter, muralhas de esmeralda
Ergue, e, num riso atroz de realizado gozo,
Veste-a de rendas mil, de flores a ingrinalda;

Move a cabeça informe, as longas cãs balança,
E, alçando a larga mão, num gesto vitorioso,
Mostra, cinicamente, um cadáver de criança.

Amei o amor, ansiei o amor. Sonhei-o

Amei o Amor, ansiei o Amor, sonhei-o
uma vez, outra vez (sonhos insanos)! . . .
e desespero haja maior não creio
que o da esperança dos primeiros anos.

Guardo nas mãos, nos lábios, guardo em meio
do meu silêncio, aquém de olhos profanos,
carícias virgens, para quem não veio
e não virá saber dos meus arcanos.

Desilusão tristíssima de cada
momento, infausta e imerecida sorte
de ansiar o Amor e nunca ser amada!

Meu beijo intenso e meu abraço forte,
com que pesar penetrareis o Nada,
levando tanta vida para a Morte. . .

©Protegido pela Lei do Direito Autoral
LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998
Permitido o uso apenas para fins educacionais.
Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, modificado e que as informações sejam mantidas.